

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**LEANLIA MARINHO DE AGUIAR**

**ENSINANDO PARA TRANSGREDIR: práticas pedagógicas interdisciplinares do  
pré-vestibular comunitário do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré  
(CEASM)**

Rio de Janeiro - RJ

2022

**LEANLIA MARINHO DE AGUIAR**

**ENSINANDO PARA TRANSGREDIR: práticas pedagógicas interdisciplinares do pré-vestibular comunitário do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof.º Dr. Reuber Gerbassi  
Scofano

Rio de Janeiro - RJ

2022

Na periferia  
quando a gente diz nós vai,  
é porque nós vamos mesmo.

Sérgio Vaz, Cooperifa

## AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa a qual devo agradecimento é a minha mãe, que me criou e educou sozinha com seu salário de doméstica, levantando sempre tão cedo para que eu pudesse alcançar uma vida de realizações. Pela sua força e resistência, eu consegui, conseguimos.

A Mel, minha meiga e amada dog Pet, pela paciência em me esperar voltar para casa após horas de jornada entre faculdade-trabalho-faculdade. Seu olhar meigo me salvou nos momentos em que pensei em desistir. Desejo sempre que a gente se encontre em todas as vidas que tivermos.

Ao CEASM, pela maior potência de transformação em mim com sentido de pertencimento e identidade enquanto moradora da Maré.

Ao pré-vestibular - CPV que com suas práticas contribuíram no meu processo de encontrar sentido e prazer em estar num espaço educacional que me serviu como cura e libertação, que com seus educadores engajados em práticas libertárias pensadas no coletivo me incentivaram a desenvolver um modelo para minha prática pedagógica.

As minhas redes de apoio no curso de pedagogia, Brenda e Isabela, seguimos juntas, sem soltar as mãos umas das outras.

A Camila, também amiga de curso que tem me dando esperança na vida acadêmica e fora dela.

Ao meu orientador Reuber, pela paciência, liberdade e sensibilidade em entender e me orientar no que aqui eu gostaria de construir. Suas aulas são sempre como sopros de alegria e inspiração.

A mim, pela resiliência na evolução do auto conhecimento com paciência em se superar a cada desafio.

A toda minha espiritualidade, por nortearem minha existência e guiarem meu coração na direção da transformação que eu acredito.

Por fim, à Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela contribuição na minha formação como educanda e educadora.

## RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo discutir os pensamentos e as contribuições pedagógicas da autora bell hooks e sua correlação freiriana na educação desenvolvida no curso pré-vestibular comunitário do CEASM, instituição localizada na favela da Maré. Baseada em uma pesquisa bibliográfica, autores essenciais na conversa sobre educação popular, movimentos sociais, educação libertária e pedagogia engajada foram o norte para a reflexão e apontamento de práticas libertárias existentes no curso pré-vestibular que se insere dentro de um contexto de educação não formal. Analisamos como é a organização do curso pré-vestibular, como se desenvolvem as práticas pedagógicas interdisciplinares e, como os temas e debates são essenciais para romper com padrões tradicionais de educação, bem como, juntamente a essas práticas, formar seus educandos de maneira crítica e libertária. Mobilizada por um relato de experiência, a autora deste trabalho narra brevemente sua vivência como aluna do pré-vestibular e, conclui com a refletida importância desse espaço de educação para a sua formação e conclusão no curso de pedagogia.

**Palavras-Chave:** bell Hooks, Educação Popular; Pré-vestibular Popular; Educação como prática da liberdade.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

Escrevivência de um caminho até a universidade.....7

### CAPÍTULO 1 - VOZES DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA

1.1 bell hooks - pedagogia engajada.....10

1.2 Paulo Freire - mentor e guia.....14

### CAPÍTULO 2 - UM MOVIMENTO DE LIBERDADE

2.1 Educação Popular.....16

2.2 Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM.....21

2.3 O Curso Pré-Vestibular no Ceasm.....24

### CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE PEDAGÓGICA

3.1 A Carta de Princípio do Cpv .....25

3.2 Além das paredes da Sala De Aula.....28

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....40

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....43

ANEXO.....45

## INTRODUÇÃO

### Escrevivência de um caminho até a universidade

A construção de um trabalho de conclusão de curso, além de encerrar um ciclo, é um convite para fazermos um memorial que nos lembre o caminho e o processo percorrido até o fechamento desta fase. Me conectando com o que diz Nóvoa (2014,p.14) “vim para as coisas da educação por acaso, mas, nesse dia, voltei-me para mim, procurei perguntas e respostas, e aprendi a habitar este lugar”, ainda que algumas vezes as escolhas aconteçam por acaso, conscientemente embarcamos nela em busca de compreender o trajeto que estamos construindo.

Em uma breve reflexão da escrita que carrega o sonho e a inserção, seguindo a proposta de Evaristo (2006,p.21) faço a minha escrevivência no auxílio de pensar, refletir e evadir para modificar.

Dos caminhos que me trouxeram até a universidade, alguns deixaram marcas que mudaram a direção da minha vida. Minha trajetória escolar iniciou-se muito cedo, e representa uma superação da expectativa relacionada a minha classe social. Frequentei creches, antigo jardim de infância, ensino fundamental, ensino médio, pré-vestibular e, atualmente, universidade. Sou cria de escola pública, do ensino público e de qualidade, pois apesar de minha mãe não ter a chance de estudar, ela fazia questão de escolher a melhor escola pública do bairro, a que tivesse a maior referência em ensino. Lembro de idas à CRE<sup>1</sup> e madrugadas acampadas em filas dessas “melhores” escolas julgadas pela minha mãe. Eu valorizo esse julgamento que ela faz referente as melhores escolas, pois tendo em vista que ela não teve a chance de prosseguir com os estudos, seu esforço em busca dos melhores ensinos era para que eu aproveitasse essa oportunidade.

Infelizmente, na época, a concepção de melhor escola era a que possuía um ensino rígido, com direção e professores autoritários que caracterizavam o controle de comportamentos à base de grito, diálogos agressivos e repressão das emoções. Para mim, a escola era um ambiente de prisão, onde os muros eram grandes demais para que os alunos pudessem se atrever no desejo de mudança. Na sala de

---

<sup>1</sup> Centro de Referência a Educação

aula, os conteúdos estudados não estavam presentes em nossa vida cotidiana, era um ensino distante, por isso era difícil pensar de forma crítica e liberta. Sentia o incômodo, mas não sabia nomear esse sentimento.

Apesar de tão duro ter sido o ambiente escolar, concluí o ensino médio. Não tinha perspectiva de continuar os estudos, porque fazer faculdade era bem distante da minha realidade. No entanto, através da indicação de uma amiga que era aluna no curso pré-vestibular do CEASM<sup>2</sup>, dei início aos estudos como aluna no curso pré-vestibular comunitário - CPV<sup>3</sup> em busca do acesso ao ensino superior. Na mesma instituição CEASM, fiz parte do projeto social EcoRede<sup>4</sup>, pela manhã me dedicava ao projeto, e à noite participava das aulas do pré-vestibular. Em pouco tempo, tanto no projeto EcoRede, como no CPV, fui construindo uma identidade de pertencimento com a Maré, conhecendo a história e as potências de transformação do bairro de minha vivência.

Nas aulas do curso CPV, fui entendendo que ter acesso a universidade não era algo distante da minha realidade, era um direito real de ocupar o ensino superior.

Participar das aulas do CPV, das dinâmicas, dos debates e das discussões políticas que sempre estavam presentes no curso, foram importantes para ampliar minhas possibilidades educacionais que me faziam descobrir um sentimento de autoestima, de aprender novas temáticas, de pertencer a uma educação que possuía relação com a arte, cultura e com a minha realidade.

Este trabalho monográfico possui duas motivações, uma que é pessoal, de celebrar a autora que é descendente de nordestinos, filha de doméstica, cria de ensino público, que garantiu aprovação no curso de Pedagogia na UFRJ, e que se tornou a primeira universitária de toda a sua família. A segunda motivação é justificada pelo objetivo de analisar como as práticas pedagógicas interdisciplinares realizadas dentro do espaço de educação não formal do pré-vestibular comunitário de um Centro de Estudos e Ações Solidárias dentro da favela da Maré fazem que a educação vá além das paredes da sala de aula, tendo como o fundamento os conceitos de educação como prática de liberdade.

---

<sup>2</sup> O CEASM está situado no Complexo de favelas da Maré, localizado na zona norte do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Curso Pré-vestibular Comunitário

<sup>4</sup> Projeto que tem o objetivo de promover o desenvolvimento social, econômico e mobilizar os moradores quanto a questões ambientais das comunidades da Maré



A justificativa dessa pesquisa surgiu após a leitura do livro da autora bell<sup>5</sup> hooks, “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade”, tal leitura me levou para um encontro de inquietações acerca da educação. Assim, esta monografia pretende contribuir com ideias de ações e práticas que desestruturam uma educação de dominação. O objetivo é de refletir uma sala de aula crítica, com diálogos que priorizam a liberdade, a sensibilidade, o respeito e a humanização que colaboraram na formação de professores e alunos.

No primeiro capítulo desta pesquisa é apresentado a nossa base, inspirada na obra “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade” de bell hooks (2017), autora crítica, professora, ativista feminista e antirracista que apresenta uma análise crítica da prática pedagógica tradicional, e narrar seu protagonismo como estudante e professora em busca de uma educação libertária. No encontro com as teorias de Paulo Freire, bell descreve como Freire foi importante na sua trajetória, e que esse “mentor e guia” a encheu de esperança para que hoje ela seja uma voz da educação crítica com prática de liberdade. Tendo como o marco referencial as obras “Pedagogia do Oprimido” Paulo Freire (1987), e “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade” Hooks (2017) buscamos levantar quais aspectos pedagógicos interdisciplinares do CPV se aproximam das ideias de hooks e Freire na construção da autonomia dos sujeitos sociais e dos professores nesse processo de uma educação emancipatória.

No segundo capítulo é apresentado aspectos da educação popular como um movimento de liberdade, nesse tópico, nos baseamos na obra “O que é Educação Popular” de Carlos Rodrigues Brandão (2006) e no movimento de “A relação movimentos sociais e educação” Maria da Glória Gohn (2011) que nos guia com suas contribuições. Ainda neste capítulo trazemos uma trajetória breve do histórico da instituição estudada e da motivação na criação do curso pré-vestibular comunitário.

No último capítulo tratamos da carta de princípios do pré-vestibular comunitário que foi elaborada por professores, coordenadores e diretoria da instituição no objetivo de garantir o compromisso pedagógico no campo da

---

<sup>5</sup> bell hooks, Gloria Jean Watkins utiliza pseudônimo no diminutivo em homenagem a sua avó materna. A letra minúscula tem a intenção de dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

Educação Popular, e que com diversidades constroem esse projeto em uma comunidade pedagógica que “abraça a mudança” e que faz com que a educação aconteça além das paredes da sala de aula.

## **CAPÍTULO 1 - VOZES DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA**

### **1.1 bell hooks - PEDAGOGIA ENGAJADA**

Este capítulo surge a partir de reflexões feitas da leitura de *Ensinando a transgredir - A educação como prática de liberdade* da autora bell hooks, leitura necessária para pensar os impactos da dominação do conhecimento ainda mantido em sala de aula.

Gloria Jean Watkins, bell hooks (1952-2021) é uma ativista negra, norte americana, crítica da teoria feminista e da pedagogia, é escritora e educadora. Nascida em uma família de classe trabalhadora, frequentou escolas exclusivamente negras e públicas até o momento de segregação racial nos EUA. Nas escolas negras, segundo hooks, ir à escola era motivo de alegria, “Adorava aprender. A escola era lugar do êxtase - do prazer e do perigo” (HOOKS, 2017, p.11). Com a integração racial, onde professores e alunos eram predominante brancos, bell enfrentou adversidades, a escola passou a ser lugar de pura informação que não tinha relação com a luta antirracista, e o desejo de aprender era entendido como ameaça a autoridade branca dos professores, o lugar da construção de conhecimentos já não tinha a ver com a prática de liberdade.

Continuando suas críticas à educação, bell ingressa na universidade motivada pelo fascínio de ser uma intelectual insurgente, no entanto, se choca com a falta de entusiasmo que os professores tinham em ensinar. “A universidade e sala de aula começaram a se parecer mais com uma prisão, um lugar de castigo e reclusão, e não de promessa e possibilidade” (HOOKS, 2017, p.13). Engajada pela experiência de um ensino fundamental que conectava aprendizado com revolução, com noções de que a vida intelectual deveria ser uma luta contra as estratégias de colonização, e de que o conhecimento é caracterizado por uma educação com prática de liberdade, bell se torna professora universitária, e constata que os

professores mantinham um ritual de controle, cuja essência era a dominação baseada em uma educação bancária comprometida com a memorização de informações e conteúdos que sequer davam lugar para a reflexão crítica.

Na obra “Ensinando a transgredir a educação como prática de liberdade”, hooks escreve sobre uma educação que apoia e aplica em suas salas de aula como professora e ativista. Uma pedagogia engajada que propõe “um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”, (HOOKS 2017,p.25). Partindo desse ponto, de uma educação que ensina de uma forma que qualquer um aprende, a pedagogia engajada propõe uma visão crítica da realidade e se articula para que o engajamento dos sujeitos educacionais seja íntegro para a transformação da sociedade.

Na pedagogia engajada, a voz do professor não é o único relato importante, a expressão do aluno também é valorizada. Nas salas de aulas as vozes dos alunos nem sempre são ouvidas, para isso a consciência crítica ajuda a tomar posse de uma educação libertária, assim todos tomam conhecimento no coletivo. Nesse modelo de educação com prática de liberdade, o partilhar fortalece o crescimento do professor, que se coloca como sujeito da ação de ensinar e aprender, dessa forma, podemos pensar a educação como uma via que nos mostra os caminhos para a liberdade, que nos capacita para refletir as desigualdades do mundo em que vivemos e a agir com o compromisso para mudar a vida cotidiana.

Na sala de aula engajada, crítica e libertária, os educadores não depositam seus conhecimentos nos educandos, mas são movidos na busca por "autoatualização". Autoatualizar-se significa ensinar ao aprender e aprender ao ensinar, como sugere Freire (Pedagogia da Autonomia, 2004,p.28). Para hooks, a autoatualização é o abandono do desejo de dominar, é a busca por criar um ambiente educacional realmente emancipador, com práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de viver plenamente, no sentido de dar ênfase ao bem-estar, promovendo um compromisso fundamental no processo de aprendizagem. Na busca da autoatualização, o educador se engaja contra a ideia de soberania intelectual, pois ele sabe que a construção de conhecimento é mútua e partilhada.

Os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente. (HOOKS, 2017, p. 36)

Pensando na educação perpassada como conhecimento e de um compartilhamento afastado e frio que não se conecta com a realidade, bell chama a autoatualização o elemento principal para que haja a junção de teorias e práticas no sentido da educação com prática de liberdade. Sabemos que dentro de um corpo existe uma mente e um espírito. Em sala de aula existem corpos e mentes, em que muitos momentos não se dialogam, andam separados, pois a mente é vista como algo superior, ela é válida pela produção de pensamentos no sentido de analisar os conhecimentos científicos. Pensar - mente - com algum tipo de indagação parece ser mais importante do que ter uma questão ligada ao lugar - corpo - social de vivência. Em seu livro (2017), bell relaciona teorias e práticas em um modelo para não compartimentar essas três dimensões de mente, corpo e espírito, que na junção desses elementos de autoatualização, pensa a educação libertária como o pontapé para capacitar os alunos a serem agentes construtores de conhecimentos com trocas de saberes de forma coletiva, espirituosa e humana.

“Todos nós, da academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais - e a sociedade - de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade”. (HOOKS, 2017, p.50).

De acordo com a pensadora, que foca em diversos temas como racismo, feminismo, multiculturalismo e classe social para compreender as dinâmicas de poder, de dominação da sociedade capitalista contemporânea, a partir de suas reflexões e vivência pessoal em escolas integradas e logo depois com professores universitários com práticas hostis à visão de educação libertadora, bell nos inquieta para pensar em espaços educacionais que enriqueça os diálogos e os conhecimentos para que tenham aplicabilidade na vida de todos os sujeitos educacionais. A educação de liberdade é uma prática social humanista, não excludente, “a sala de aula não é lugar para estrelas; é um lugar de aprendizado” (HOOKS, 2017, pág. 216). bell reforça que a educação engajada não se trata de uma educação normativa, nas pautas de deveres e obrigações, mas sua intenção é no

processo de exercer a liberdade e promover o diálogo.

Diante da tensão e da apatia, características da educação tradicional e conteudista, hooks, no meio da carreira acadêmica universitária se encontra com a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, e através da influência de Freire, bell realiza práticas pedagógicas que nascem da “interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista” (HOOKS, 2017, p.20), desse modo, é construído uma praxis de entusiasmo em sala de aula diante da experiência e não de tédio.

Paulo Freire é chamado afetuosamente de mentor e guia por bell, através de sua prática voltada para a escolarização como formação da consciência política, influencia bell em suas práticas pedagógicas:

“Encontrar Freire foi fundamental para minha sobrevivência como estudante. A obra dele me mostrou um caminho para compreender as limitações do tipo de educação que eu estava recebendo e, ao mesmo tempo, para descobrir estratégias alternativas de aprender e ensinar” (HOOKS, 2017, p.30).

As práticas pedagógicas de Freire influenciaram também professores que bell hooks conheceu nos campus universitário, “Uma coisa que me decepcionou muito foi conhecer professores brancos, homens, que afirmavam seguir o modelo de Freire ao mesmo tempo que em suas práticas pedagógicas estavam afundadas nas estruturas de dominação” (HOOKS, 2017, p.31). Isso explica que teoria e prática são construções de saberes diante do processo pedagógico, esses dois elementos precisam dialogar permanentemente. Apesar dos professores que bell conheceu na universidade seguirem um modelo pedagógico na influência de Freire, mostra que a pedagogia engajada é desafiadora para alguns educadores, pois é necessário que ação e prática não sejam partes separadas da teoria. Na concepção de Freire, teoria e prática se tornam uma práxis, que possibilita aos sujeitos reflexão sobre a ação, proporcionando educação para a liberdade. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 38).

bell propõe com sua voz crítica, é que haja uma transgressão ao conhecimento de acomodações já feitas na educação tradicional. Só o engajamento não basta, é preciso humanizar o ensino, formar a sala de aula em um espaço de aprendizado em comunidade e entusiasmo. A perspectiva da educação

autoatualizada é de criticar os efeitos coloniais no campo da educação tradicional, bem como propor um caminho para a liberdade na transformação da realidade dos sujeitos envolvidos em educação.

## 1.2 PAULO FREIRE - MENTOR E GUIA

Paulo Freire, pensador comprometido com a vida, educador que não pensou ideias, pensou na existência das suas práticas de liberdade que guiou caminhos para a auto configuração de uma pedagogia que liberta o oprimido para que ele tenha condições de se descobrir e de conquistar a realização do próprio destino.

No âmbito educacional, o foco da educação pública de educação básica é pensada para o trabalho, o que afasta os questionamentos de uma sala de aula plural, afastando também as reflexões sobre o coletivo, os sujeitos e os saberes.

Para Freire, o ensino ocorre a partir do diálogo entre professor e aluno, desenvolvendo assim capacidade crítica e preparando os estudantes para sua emancipação social.

Paulo Freire (1987) em seu livro “Pedagogia do Oprimido” descreve o conceito de educação bancária, as características rígidas do protagonismo do educador que na posição de professor transfere o conhecimento como o único detentor do saber, enquanto o aluno é o depósito do conhecimento transmitido através da escuta, em que sua função como espectador é de absorver e memorizar os conhecimentos conduzido. Na concepção de educação bancária, os educandos são considerados tabula rasa, o silêncio é exigido para que a ordem permaneça.

As vozes da educação crítica, bell e Freire, se relacionam na confrontação da classe social na sala de aula, bem como a estrutura educacional bancária de manter o silêncio como forma de controle e ordem:

“Os alunos são frequentemente silenciados por meio de sua aceitação de valores de classe que os ensinam a manter a ordem a todo custo. Quando a obsessão pela preservação da ordem é associada ao medo de “passar vergonha”, de não ser bem-visto pelo professor e pelos colegas, é minada toda possibilidade de diálogo construtivo.  
(HOOKS, 2017, p.237).

E quando Paulo Freire diz:

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se

verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição.  
(FREIRE, 1987, p.34).

Seguir influências de autores como bell e Freire e não fazer da sala de aula um lugar de confrontação da realidade que mantém os educandos passivos e obedientes à ordem, só demonstra que a dominação que aliena é mantida pela ignorância de quem educa, e assim permaneça sua posição fixa e autoritária de negar e ouvir o saber do educando. Quando na sala de aula não há diálogo para o processo do conhecimento, o saber é afastado de uma experiência de questionamentos, é mantido longe da busca de libertação, longe de novas possibilidades de transformação individual e coletiva, do qual, é esse o objetivo da educação bancária, manter o opressor em seu projeto de gerar seres passivos e adaptados aos modos das classes dominadoras.

Desse modo, a educação bancária tem por predominância uma certa educação neutra. As estratégias de ensino e aprendizagem utilizadas pelos professores não são para a conscientização, são para a manutenção da dificuldade do pensamento crítico e autônomo.

“Tivemos de lembrar a todos, várias vezes, que nenhuma educação é politicamente neutra. Mostrando que o professor branco do departamento de literatura inglesa que só fala das obras escritas por “grandes homens brancos” está tomando uma decisão política”.  
(HOOKS, 2017, p.53).

Aqui citamos bell hooks mais uma vez no sentido de trazer para reflexão de como os pensamentos dos nossos referenciais se relacionam. A relação de opressões que Paulo Freire critica na abordagem da educação bancária, faz com que bell encontre em Paulo uma forma de base para seus conhecimentos no sentido de entender a voz crítica que a incomoda. "Encontrar Freire foi fundamental para minha sobrevivência como estudante" (HOOKS, 2017, p.30). Freire abre uma abordagem transformadora da educação, no qual bell compreende e cria estratégias para romper com a educação limitante, e que defende a possibilidade para que educador e educando produzam conhecimentos para o fazer educativo na quebra de barreiras raciais, sexuais, de classe, dentre outras para atingirem a liberdade.

Assim, na pretensão da libertação dos seres humanos, temos que pensar a educação nos moldes específicos de críticas a modelos tradicionais, na utilização de instrumentos contra a alienação e dominação da educação bancária. A educação libertária “não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 1987, p. 94).

A educação com prática de liberdade defendida por bell, busca romper com o ciclo de opressão da educação colonialista que impede que as pessoas sejam transformadas e livres em seus pensamentos críticos que confrontam todo o sistema educacional de opressão. A educação libertária defendida por Freire busca envolver os sujeitos na transformação do homem e da sociedade, no sentido de garantir que a educação cumpra seu papel de ensinar o aluno a ler o mundo e nele intervir positivamente (FREIRE,1967), rompendo com a ideia da educação bancária de instruir para dominar.

## **CAPÍTULO 2 - UM MOVIMENTO DE LIBERDADE**

### **2.1 EDUCAÇÃO POPULAR**

A função básica para entender de forma rápida o papel da escola e da educação é pensar que ela só garante a aprendizagem de conhecimentos baseados nos domínios dos conteúdos de leitura, escrita e da ciência. Ao pensarmos em educação escolar, são os conceitos dos conteúdos que passam como primeira cena da nossa mente. Portanto, para pensarmos em um conceito de escola que traga sentido e valor, veremos adiante um modo mais motivado de pensar popularmente a educação.

Segundo (Brandão,2006) os educadores pensam a educação de forma restrita: a universidade, o ensino fundamental, o ensino médio, a alfabetização, a educação de jovens e adultos.

Separando-a por vezes do mundo e de domínios sociais e culturais onde ela concretamente existe, ou, ao contrário, associando-a diretamente a amplas e longínquas "determinações sociais" o pensamento do educador não raro esquece de ver a educação no seu contexto cotidiano, no interior de sua morada: a cultura — o lugar social das idéias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui. (BRANDÃO,2006,p.5)



Nesse sentido, a educação popular é a prática pedagógica que explora e respeita a diferença. Em seu livro “O que é educação popular” Brandão faz um diálogo sobre os sentidos dessa educação:

Assim, procuro explorar pelo menos quatro diferentes sentidos da educação popular: 1) como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; 2) como a educação do ensino público; 3) como educação das classes populares ; 4) como a educação da sociedade igualitária. (BRANDÃO,2006,p.6).

Em termos históricos, a discussão sobre educação popular ocorreu no período caracterizado como guerra fria, nessa época, o Brasil passava pelo período de redemocratização, que de um lado estava tensionado pelo conflito estabelecido pela proposta capitalista dos Estados Unidos e Europa, e por outro lado pela União Soviética na proposta socialista (BRANDÃO,FAGUNDES,2016,p.91).

No conflito ocorrido, surgem propostas para o progresso social e econômico da nação. Nesse cenário, a igreja católica criou o Movimento de Educação de Base (MEB), com o apoio do governo federal com a ideia de possibilitar o aumento da escolarização da população Brasileira, a igreja católica se utilizava da rádio escolar para alcançar essa população que não tinha acesso à educação. O meio de transmissão tinha por objetivo atingir as zonas rurais e regiões do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que tinham por habitantes os homens do campo, que conheciam somente a experiência do contexto rural. A educação popular entra nesse campo para alcançar exigências mais modernas no sentido de tornar a educação mais acessível em níveis de acesso à leitura e escrita.

Com o alto índice de analfabetismo das populações adultas, a proposta da educação era de aproximar os conhecimentos básicos na direção do currículo pensado para o desenvolvimento.

A proposta de educação de base, estimulada pela UNESCO, desde 1947, fazia aproximações entre os altos índices de analfabetismo das populações adultas nas regiões consideradas como atrasadas e o baixo grau de desenvolvimento econômico, tomando como referência a ótica do capital. Logo, sob essa lente, o analfabetismo era um câncer que precisava ser eliminado, pois atrasava o desenvolvimento do Brasil. Nessa direção, o currículo proposto baseava-se em conhecimentos, como: ler, escrever e calcular, considerados como aprendizagens suficientes para o desenvolvimento do pensamento; trabalhos na agricultura, técnicas comerciais, trabalhos caseiros e edificação, para promover o desenvolvimento profissional e o progresso econômico; desenvolvimento de habilidades domésticas, para poder trabalhar com crianças, enfermos e

preparação de alimentos; meios de higiene pessoal e coletiva, para o desenvolvimento moral e intelectual, entre outros.  
(BRANDÃO,2016,p 91)

A educação popular nessa prática de buscar alcançar direitos sociais e políticos, se relaciona com as classes sociais menos favorecidas, que segundo Brandão (2006,p.3) a educação popular surge como proposta de transformar o cotidiano social para que a população de classes oprimidas possam agir através de seus saberes, e de suas consciências atuando na mudança da sociedade, no trabalho social e político, de forma que essas classes tomem ciência de suas condições de vida e das raízes dos problemas que as afetam.

Para além de garantir o acesso à educação básica, a educação popular ocorre no processo formativo de diversos espaços sociais formais e não formais apontando para a necessidade de buscar alcançar outros graus de formação. A escola pública de ensino básico seria um espaço de educação popular (ANGELA,2020,p 77), pois seu espaço estrutural recebe em maior parte crianças e jovens oriundas de classes populares moradores de periferias, no entanto, a escola falha na matéria de formar para a diferença e na construção do pensamento crítico, ainda sendo um ambiente que reproduz opressão e dominação.

Muito ligada à educação popular, estão os movimentos sociais, que surgem na América Latina contra os processos de colonização dos governos autoritários.

De acordo com Maria da Glória Gohn:

Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem. Essas redes são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura política que vão sendo construídos no processo interativo.  
(GOHN, 2011,p.333).

Essa relação dos movimentos sociais e educação popular ocorre pois suas práticas são pensadas pelo coletivo em busca de dar voz aos “excluídos” e de garantir direitos. Essa junção ocorre no sentido de dois termos: na relação movimento social e educação que existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais e, na interação dos movimentos em contato com instituições

educacionais, no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações.(Gohn, 2011, p.334)

Ainda nessa discussão, no período de 1960 e 1964 surgem movimentos com pressupostos metodológicos voltados para os direitos da educação: Os movimento de cultura popular (MCP), o Movimento de Educação de base (MEB), criado pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) com o apoio da presidência, fortalecendo o papel da Igreja Católica; o Centro Popular de Cultura (CPC), ligados à UNE, que utiliza de música e cinema popular como espaço de formação política.

Nesse contexto, progressistas da Igreja Católica, que tinham como referência a Teologia da Libertação, fazem críticas à igreja que havia apoiado ao golpe militar, assim, esses espaços de convivência de diferentes grupos se tornam também reflexivos e críticos na socialização política, que está ligada a educação popular, com seu caráter de conscientização e transformação da sociedade apoiada na educação libertária.

Dessa forma, as ações educativas na concepção de educação popular busca nesses movimentos integrar práticas educacionais democráticas que aprofundam experiências numa perspectiva de representatividade da participação popular, com objetivo de gerar aprendizagens e valores que ocorrem nas áreas da educação formal e da educação não-formal.

De acordo com o que nos aponta Brandão (2006,p.14) o objetivo desses movimentos populares que se articulam a educação popular está associado a uma transformação da estrutura social das organizações dos sistemas da vida social e cultural. A intenção é tornar os sujeitos livres de opressão.

No Brasil, a maior referência teórica dessa educação é Paulo Freire, que elaborou uma forma de pensar a educação crítica contra o pressuposto do saber, do qual se reproduz na transferência de conteúdos aos alunos. Na contramão dessa educação denominada de "educação bancária", Freire apresenta o livro a Pedagogia do Oprimido (1987) como uma prática que dialoga e problematiza a realidade daquilo que é naturalizado, como as relações de poder. Relações de poder que fazem parte das estratégias de dominação da lógica conservadora, que se preocupa em manter a formação educacional no controle social da população contra uma formação crítica. Essa ordem natural de opressão e dominação passam pelas estratégias de colonização que mantém sua forma estrutural de domínio do corpo,

do saber e da educação como forma de dificultar o processo de ensino e aprendizagem.

Aqui falamos de uma educação como direito de todos (ANGELA, 2020, p. 77) e que se num primeiro momento a educação popular estava ligada a alfabetização da população adulta, que se consolidava com um sistema público de educação que passava por transformações associadas ao processo de movimentos de industrialização e grande concentração populacional em centros urbanos, no momento seguinte, a ampliação dessa educação incluiu uma alfabetização comprometida com a conscientização do pensamento crítico e libertador do educando.

No livro “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo” 2011, Paulo Freire compartilhou um discurso do que podemos compreender sobre o que representa o papel da educação popular:

Não se trata, pois, de um ensino que se dá numa escola que simplesmente prepara os educandos para outra escola, mas de uma educação real, cujo conteúdo se acha em dialética relação com as necessidades do país. O ato de conhecimento posto em prática por uma tal educação se dá na unidade da prática e da teoria, por isso mesmo não pode prescindir, cada vez mais, de ter no trabalho dos educandos e dos educadores sua fonte. (...)  
Os valores que esta educação persegue se esvaziam se não se encarnam e só se encarnam se são postos em prática. Daí que, desde o primeiro ciclo deste nível de ensino, o de quatro anos, participando de experiências em comum, em que se estimula a solidariedade social e não o individualismo, o trabalho baseado na ajuda mútua, a criatividade, a unidade entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, a expressividade, os educandos irão criando novas formas de comportamento de acordo com a responsabilidade que devem ter diante da comunidade.  
(FREIRE, 2011, p. 38, p. 40)

Esse movimento de educação popular que é construído no coletivo, tende a dar a espaços não formais de educação a perspectiva de romper com as ações da educação tradicional formal e conteudista. Esses espaços avançam contra a meritocracia e contra o sistema capitalista que se estruturam em conteúdos prontos, decorebas, fórmulas, e que sequer dão lugar ao pensamento que reflete de forma crítica.

Em um movimento de educação popular com troca de saberes e produções de conhecimentos junto do coletivo, a educação problematizadora da realidade, e que democratiza, tornando popular o acesso do povo a educação superior, trazemos o pré-vestibular comunitário como exemplo de um espaço de educação não formal,

popular e comprometido em romper com a ordem da educação tradicional, com um currículo que tem a ver com a realidade dos educandos, e que se intenciona na formação e transformação da sociedade. (ANGELA,2020, P. 77) Esse espaço fora da escola, como do qual aqui pesquisamos, o pré-vestibular popular, avança na esperança de que classes populares ocupem tendo acesso ao conhecimento científico acadêmico da educação.

## **2.2 CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ - CEASM**

O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM é uma organização não governamental. A instituição está localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, no conjunto de favelas da Maré. As margens da baía de Guanabara, a Maré, que em 1994 foi reconhecida oficialmente como bairro pela Lei nº 2.119/194, está localizada entre vias rodoviárias que cortam a cidade do Rio de Janeiro: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela, além de estar próxima a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dois grandes centros de ensino e pesquisa. O bairro possui hoje uma população estimada em cerca de 137 mil habitantes, segundo dados do Censo 2010<sup>6</sup>, e é considerada uma das maiores favelas do Rio de Janeiro.

A Maré é formada por quinze comunidades que são diferentes em suas histórias de formação e de interações sociais (LOURENÇO,2018,p.15), visto que também os espaços geográficos em suas características são distintos uns dos outros.

Atualmente o CEASM tem sua sede no Morro do Timbau no complexo de favelas da Maré. A instituição foi fundada em 15 de agosto de 1997 por um grupo de moradores e ex-moradores da Maré que já haviam acessado o ensino superior. Seus fundadores participavam de movimentos sociais locais e de movimentos partidários. Inquietos com a falta de moradores de favela no acesso à universidade, o grupo se mobilizou para desenvolver um trabalho que pudesse criar possibilidades de transformar a realidade dos moradores do bairro da Maré.

---

<sup>6</sup> Censo Demográfico 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Analisando o nome da instituição, as funções sociais esclarecem os significados da atuação do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. Segundo ANGELA (2020,p.126), os significados por trás do nome CEASM refletem os objetivos da instituição; Centro: Espaço de referência de estudo na Maré; Estudo: Estudar e refletir a realidade; Ações: O ato de estudar e refletir gera mudanças na realidade social; Solidárias: Ato de ultrapassar as dificuldades sociais tratando com generosidade os problemas em comum; e da Maré: devido a atuação dos fundadores em desenvolver e propor mudanças sociais a moradores da região.

O CEASM se estrutura no conceito de ONG: ‘Se insere no universo das ONGs “de dentro” por ter sido criada, como já foi dito, por moradores locais. No entanto, grande parte dos financiamentos que recebe, e vários profissionais que atuam em seus projetos, são oriundos “de fora” da Maré’. (SILVA, 2006, p. 147)

A primeira ação do grupo fundador do CEASM foi a criação do pré-vestibular comunitário, que através de apoio financeiro de empresas puderam desenvolver as atividades do projeto. Assim, o pré-vestibular comunitário (COSTA, 2010) nasce como um dos pilares da instituição, que converge com a discussão sobre educação popular:

O fenômeno dos pré-vestibulares populares respondiam a uma demanda social e política fundamental não só para as condições de precarização da universidade, mas também para a organização política, pedagógica e de visão de mundo. Trava-se nestes espaços uma mistura corrente entre a resolução dos problemas individuais, organização coletiva muito desconfiada de qualquer espectro de militância clássica, mas muito dedicada a se encarar como engajamento político.  
(COSTA,2010,p.20.)

A primeira turma do curso pré-vestibular reunia cerca de 70 alunos (ANGELA,2020,p.126) as atividades eram desenvolvidas nas salas de uma igreja Católica, a Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes. O espaço foi cedido pela igreja ao CEASM, enquanto as obras em sua sede eram realizadas no prédio cedido em comodato pela associação dos moradores do Morro do Timbau. A figura 1 mostra a estrutura atual do espaço:

Fachada do CEASM / Morro do Timbau - Maré.



Fonte: CPV CEASM.

Segundo as ações do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, a instituição tem como objetivo possibilitar estratégias de ação a longo prazo, tais como:

- a) Catalisar, produzir e sistematizar iniciativas que visem estimular discursos e práticas comprometidas com o exercício da cidadania cotidiana existentes no Complexo da Maré;
- b) Subsidiar as estratégias e ações desenvolvidas por pessoas e grupos que atuam na Maré com a finalidade de fortalecerem as redes sociais vinculadas ao exercício da cidadania;
- c) Oferecer oportunidades de qualificação profissional e acesso a bens culturais aos jovens da Maré, através de iniciativas tais como Curso Pré-vestibular; Programa de Alfabetização de adultos; Núcleo de Informática; participação na produção de atividades culturais e artísticas [...] como forma de ampliar o acesso à múltiplas redes sociais;
- d) Formação do Núcleo de Pesquisa e Memória do Complexo da Maré; [...] (GRIFO NOSSO, 1997,p.1 apud SILVA,2009,p.150)

Para alcançar tais objetivos, o CEASM criou estratégias que constituem-se em redes que se articulam em ações (Angela,2020,p.127). Essas redes são organizadas em três pilares sociopedagógicos, e por mais que sejam projetos diferentes, possuem interligações entre si, as finalidades dos seus projetos possuem articulações que auxiliam o exercício da cidadania, o desenvolvimentos de pesquisa e estudos na compreensão da Maré.

Na rede de educação: o Curso Preparatório para o Ensino Médio, o Curso Pré-vestibular Comunitário - CPV - e o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais da Maré - NEPS.

Na rede de cultura e memória, o Museu da Maré<sup>7</sup>, que possui a valorização da história local e as memórias com uma exposição permanente intitulada 12 tempos da Maré, além de outras atividades como o grupo teatral Entre Lugares Maré, a Brinquedoteca Marielle Franco, a Biblioteca Elias José e o grupo Maré de Histórias, que conta com contadores de histórias da Maré na preservação e difusão da memória coletiva dos mareenses (PITASSE, 2018).

Na rede de comunicação, o jornal “O Cidadão”, produzido desde 1999 com cerca de 70 edições produzidas de forma impressa, e que hoje passou para o formato virtual informando os assuntos importantes para a favela via site e redes sociais.

Na rede de sustentabilidade ambiental, o EcoRede, que tinha por objetivo sensibilizar e mobilizar os moradores da Maré para a conscientização a respeito da educação socioambiental. As ações do projeto eram desenvolvidas em escolas públicas da Maré. O projeto também tinha uma prática de formar seus agentes socioambientais com uma visão crítica construída no coletivo das ações com o objetivo de melhorar a perspectiva em relação ao meio ambiente, que não só se relaciona com a natureza no sentido de reutilizar, reduzir ou reciclar, mas na natureza que todos nós somos conectados em corpo, mente e espírito. Atualmente o projeto se encontra temporariamente pausado devido à falta de financiamento.

### **2.3 O CURSO PRÉ-VESTIBULAR NO CEASM**

O curso Pré-vestibular do CEASM-CPV tem por objetivo contribuir para que moradores de favelas, principalmente da Maré, sejam inseridos nas universidades públicas e privadas. Compreendendo que a universidade têm o seu maior acesso pela elite brasileira, muito mais do que contribuir para que o acesso ao ensino superior seja garantido em condições de igualdade, o CPV possui práticas pedagógicas fundamentais para compreender e superar as desigualdades de classe, de raça e gênero, debates fundamentais que deveriam se incorporar a todo o sistema educacional.

---

<sup>7</sup> Parte do acervo do museu pode ser consultado em:  
<http://www.museusdoriorio.com.br/site/index.php/museus-cidade-do-rio/area-de-planejamento-3/item/88-museu-da-mare>



A educação do CPV é desenvolvida na proposta de uma educação libertadora. Nesta pesquisa não trataremos dos conteúdos programáticos organizados para preparar os educandos para as provas de vestibular no acesso ao ensino superior. A pesquisa tem por intenção nas práticas pedagógicas do CPV que se embasam no sentido de propor uma educação crítica, ao mesmo tempo que proporciona uma vivência prazerosa em seu espaço educacional.

Baseada na proposta de educação popular, o CPV-CEASM se embasa na educação de Paulo Freire, com práticas educacionais que também agregam outros educadores na construção de um projeto que norteia e amplia as possibilidades de acesso ao ensino superior.

### **CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE PEDAGÓGICA**

#### **3.1 A CARTA DE PRINCÍPIO DO CPV**

Elaborada em 2013 pela coordenação, e apoiada pelo coletivo, a carta de princípios que norteiam os objetivos do pré-vestibular é planejada. (ANGELA,2020) Em primeira versão em 2014, uma segunda versão em 2015 e revisada atualmente em 2019 (ANEXO). (MORAIS,2016,p.76) “Sua elaboração é embasada nas concepções político-pedagógicas presentes na ata de fundação de 1997, reconhecendo a trajetória de militância em movimentos sociais dentro das favelas por parte do CEASM”.

A carta de princípios busca garantir um compromisso em seguir práticas pedagógicas no campo da educação popular, com uma perspectiva de educação crítica nas discussões de raça, classe e gênero, respeitando os direitos básicos humanos.

A carta de princípios passa por uma revisão todos os anos, sendo sempre discutida pelo coletivo. Segundo (Angela, 2020) o intuito dessa revisitação a carta de princípios é de reiterar os compromissos dos envolvidos no projeto, de forma que a participação nas resoluções das demandas são tão importantes quanto as aulas, ou até mais, pois o principal papel educativo do pré-vestibular vai muito além das salas de aulas. Desenvolvido na intencionalidade de formação político-pedagógica construída no coletivo, a participação dos educadores e educandos nas assembleias

é importante para discutir os princípios e objetivos do projeto. Os seminários pedagógicos são espaços de reflexão sobre os conceitos de educação crítica no campo da educação popular que são aplicados no CPV, contrários às relações de poder tão presentes na educação tradicional.

#### ASSEMBLÉIA GERAL 1.

4. No sentido de legitimar e dar sentido à produção de uma educação popular e crítica, contemplando os envolvidos no processo, foi estabelecido que possuem direito ao voto: 4.1 Quem concorda com esta Carta de Princípios. 4.2 Educadores, educandos e colaboradores do CPV CEASM. (CPV CEASM, 2019, p. 2)

A importância do seminário, é de discutir sobre as práticas pedagógicas, os processos de avaliação dos exames vestibulares aplicados aos alunos, e planejar todo esse processo educativo numa análise de organizar e revisar a intenção principal do projeto.

Segundo a carta de princípios do Pré-vestibular do CEASM, o curso tem por objetivos:

1. O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré (CPV), desenvolvido pelo CEASM desde 1997, tendo como objetivo minimizar a desigualdade que ainda caracteriza o ensino público superior no país, calcado num processo injusto e elitista, que tem impossibilitado o acesso às universidades públicas dos moradores de favela, oriundos da rede pública de ensino e pertencentes às camadas mais pobres da população. Com esta iniciativa, mais do que oferecer condições para que estes possam participar dos exames vestibulares com chances reais de aprovação (de acordo com os conteúdos programáticos dos principais exames vestibulares), o CEASM pretende formar cidadãos que participem do processo de transformação dessa realidade, no sentido da construção de uma sociedade mais humana, mais justa e mais igualitária.
2. Criar condições para que os estudantes discriminados, por etnia, gênero ou situação sócio-econômica concorram nos vestibulares das Universidades Públicas, em condições concretas de aprovação e inclusão no ensino superior.
3. Realizar um trabalho de formação política, desenvolvendo atividades que contribuam para compreensão histórico-crítica da sociedade, das relações étnicas, das contradições e conflitos da realidade social.
4. Servir de espaço público de elaboração de propostas e discussão política sobre justiça, democracia e educação.
5. Lutar contra qualquer tipo de discriminação, na sociedade e na educação.
6. Lutar pela democratização da educação, através da defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, que seja também pluriétnica e multicultural. (CPV CEASM, 2019, p. 2)

Podemos perceber nos objetivos do projeto que a intenção além de ampliar as possibilidades de acesso ao ensino superior, é de romper com relações de poder presentes no ensino bancário da sala de aula tradicional.

Voltado para ampliação das possibilidades educacionais e culturais dos moradores da Maré, o Curso Pré-Vestibular Comunitário do CEASM tem como objetivo o acesso ao ensino superior em condições de igualdade e como um direito fundamental. Partindo dos conteúdos necessários aos exames vestibulares, sua prática é integrada a uma formação política e emancipatória e propõe como contribuição a formação de novos atores políticos na intervenção das mudanças necessárias no alcance de uma sociedade mais justa e igualitária.  
(CPV CEASM, 2019, p.1).

Esses fundamentos caracterizam os princípios do pré-vestibular do CEASM, que se organizam no coletivo e na ação de transformação da educação com prática de liberdade. Os princípios do pré-vestibular do CEASM - CPV fundamenta-se nos seguintes princípios:

1. No conceito de Democracia como forma de relacionamento social que incorpore igualdade de oportunidades, garantia de vida digna (trabalho com salário justo, cuidados com a saúde, educação, previdência, moradia, terra, acesso à produção cultural), participação popular nas deliberações políticas, liberdade de expressão e respeito às diferenças e diversidades étnico-culturais.
2. No conceito Ação Afirmativa como ação coletiva de afirmação de identidade e luta por relações econômicas, políticas, sociais e culturais democráticas. Trata-se de uma concepção de Ação Afirmativa que vai além da instituição de políticas públicas direcionadas a um determinado grupo social.
3. No conceito de Educação como processo de formação de competência técnica e competência política, no sentido da autonomia e da emancipação humana, considerando que a política pedagógica adotada no projeto está pautada na Educação Popular.
4. Na idéia de que o acesso de todos a uma educação de qualidade é a principal forma de socialização do conhecimento e indispensável à construção de uma sociedade democrática, sendo, portanto, um dos canais de inclusão social, de formação de cidadania e de alargamento de oportunidades para a população pobre e discriminada.
5. Na crença de que a educação, como prática de formação e emancipação humana, tem um papel importante na superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e, de forma geral, das desigualdades sociais.
6. Na possibilidade de construção de um projeto de educação fundamentado na igualdade, na solidariedade e no respeito aos seres humanos, que deve necessariamente colocar no centro das suas preocupações os sujeitos não dominantes (por etnia, por gênero, por classe social) e valorizar a produção histórica e cultural afro-brasileira, não perdendo de vista a diversidade plural da sociedade como um todo.
7. Na convicção de que a democratização da educação somente pode se concretizar na esfera pública, ou seja, através de um Sistema Público de Educação que possa garantir o acesso de todos ao conhecimento. Assim, a

universidade e a escola públicas, gratuitas e de qualidade, são a opção política de educação do CPV CEASM.  
(CPV CEASM, 2019, p. 1)

Princípios fundamentais no sentido de guiar os aspectos pedagógicos que norteiam o projeto. Assim, podemos entender as dinâmicas do projeto CPV-CEASM no processo de um trabalho que busca na formação através da educação crítica, com suas práticas políticas e pedagógicas, a transformação de uma sociedade que seja mais justa e igualitária. A crença do projeto, caracterizada no coletivo, capacita a transformação da educação em seus elementos críticos que constroem o currículo do CPV.

### **3.2 ALÉM DAS PAREDES DA SALA DE AULA**

Após a leitura do primeiro livro de bell voltado para a educação, “Ensinando a Transgredir - A educação como prática de liberdade” (2017), a percepção foi de que suas teorias faziam parte das práticas pedagógicas do curso pré-vestibular do CEASM. Seus cruzamentos de teorias-práticas-teóricas são facilmente identificáveis no contexto educacional do projeto.

Se compreender parte de um espaço de educação com práticas de liberdade e que auxiliam na auto construção do pensamento crítico, educação da qual hooks defende de forma radical e amorosa, nos fazem encontrar o sentido e alegria de aprender.

Seguindo o papel educativo do projeto e a análise da carta de princípios, aqui buscamos relacionar em que momento essas práticas se realizam na organização, na potência e nas intencionalidades desse fazer educativo. Vimos os objetivos presentes na carta de princípios do projeto, agora buscamos aqui um diálogo com pensamentos de bell e Freire, que se relacionam entre uma comunidade de aprendizado e uma pedagogia engajada que é presente no CPV - CEASM.

As aulas no CPV são organizadas em uma grade fixa de segunda a sexta, das 19h às 22h35, os conteúdos são as disciplinas de português, matemática, biologia, física, literatura, redação, espanhol, química, sociologia, filosofia, interpretação de texto, geografia e história. Aos sábados acontecem aulas “extras” com disciplinas que os alunos possam estar com mais dificuldades, exercícios e

revisão do conteúdo. Em um cronograma pensado e discutido nos seminários de formação do CEASM, ocorre também a agenda para as atividades desenvolvidas que incluem aulas interdisciplinares, aulas de laboratório, aulas de campo, visitas a museus, cine debates, participação em peças de teatro e saraus.

Como dito anteriormente, o objetivo deste trabalho não é focar nas disciplinas do currículo tradicional como um gatilho para afirmar que no CPV a educação acontece com prática de liberdade, nosso objetivo é pensar como as práticas pedagógicas interdisciplinares organizadas no pré-vestibular CPV CEASM se intencionam para atender o que bell chama de “interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista” (HOOKS, 2017, p.20) e então responder nossa pergunta problema: “Quais aspectos pedagógicos do curso pré vestibular comunitário do CEASM se aproximam de uma educação como prática de liberdade?”

O curso pré-vestibular tem as disciplinas do currículo tradicional em sua grade de planos de estudos, até porque os conteúdos destas disciplinas são cobrados nas provas do vestibular, no entanto, as atividades interdisciplinares presentes no CPV trazem para o educandos múltiplas experiências de cultura dentro de uma mesma sala de aula.

Na ficha de cronograma de atividades do CPV CEASM as aulas interdisciplinares chamam atenção de quem tem seu primeiro contato com o projeto.

Segue abaixo a ficha de cronograma<sup>8</sup> com as aulas interdisciplinares do 1º e 2º semestre de 2019.

<p>Cronograma de atividades do CPV CEASM no 1º e 2º semestre de 2019</p> <p><b>FEVEREIRO</b></p> <p>11/02 –19h – Aula Inaugural do CPV</p> <p><b>MARÇO</b></p> <p>De 11/03 a 15/03 –19h – Semana da Mulher</p> <p>15/03 - 19h – Aulão do Dia Internacional da Mulher</p> <p>16/03 - 14h – História e atualidades: Cine Debate com o filme: Estrelas Além do Tempo</p> <p>17/03 – 9h30 – Projeto: Domingo é Dia de Cinema, no Estação Botafogo, com o filme: “Praça Paris”</p> <p>23/03 - 14h – Seminário de Formação do CEASM. Evento dedicado aos colaboradores do CEASM</p>
---

---

<sup>8</sup>A agenda completa institucional do CPV pode ser consultada em:  
<https://cpvceasm.wordpress.com/agenda/>

para reflexão sobre a conjuntura política externa e as demandas da instituição.

**23/03 - 17h30** – Ato de 1 ano do assassinato de Marielle e Anderson. O cortejo sairá do CEASM em direção ao Museu da Maré

**24/03 - 7h** – Aula Campo na Floresta da Tijuca

**30/03 - 14h** – Aulão de Ditadura Militar, no Museu da Maré

**31/03 - 19h** – CPV vai ao Teatro – Peça: “Ela não se lembra mais – 33 planos contra o esquecimento”, produção do Projeto Entre Lugares Maré, no Museu da Maré

## **ABRIL**

**06/04 - 14h** – História e Atualidades – Cine Debate com o filme: Nossos Mortos Têm Voz

**07/04 - 9h** – Assembleia do CPV

**13/04 - 17h** – Sarau Cultural do CPV – Sarau das Minas

**14/04 - 9h30** – Projeto: Domingo é Dia de Cinema, no Estação Botafogo, com o filme: “Pastor Claudio”

**27/04 - 19h** – Peça: Luiz Gama – uma voz de liberdade

**30/04 - 19h** – Aulão do Dia dos Trabalhadores

## **MAIO**

**04/05 - 9h** – Assembleia do CPV

**04/05 - 14h** – Laboratório de Ciências I – A Origem do Universo

**05/05 - 8h** – Aula Campo no Centro Histórico do Rio de Janeiro

**11/05 - 13h** – Visita ao Museu de Astronomia – MAST

**13/05 - 9:30h** – Abertura da 17ª Semana Nacional de Museus, com o tema “Museus como núcleos culturais”, no Museu da Maré, comemorando também os 13 anos do Museu da Maré.

**14/05 - 19h** – Mobilização para a Greve Nacional da Educação: Conversa com os educandos sobre a questão da Educação Pública no Brasil: acesso da população à Educação Básica, democratização do acesso à Educação Superior, processo de privatização da Educação Superior, políticas de ações afirmativas (Cotas) e a política atual de desmonte da educação pública.

**15/05 - 16h** – Participação na Greve Nacional da Educação, na Candelária

**18/05 - 10h** – Curso do Teatro do Oprimido no CPV

**19/05 - 9h** – Domingo é dia de cinema – Filme: Infiltrado na Klan

**25/05 - 15h** – Sarau “O Museu é Nosso”

**28/05 - 20h** – Apresentação da peça “Julgar meu cabelo afro” com o grupo Ponto Chic, do Teatro do Oprimido

**30/05 - 16h** – Participação do Ato em Defesa da Educação

## **JUNHO**

**01/06 - 8h** – Aula Campo pela Maré

**02/06 - 10h** – 1ª Reunião do Fórum de Pré-vestibulares Populares, no CEASM

**03/06 - 19h** – Aulão sobre Cotas

**04/06 - 19h** – Aulão do Livro da UERJ – Livro: “Hora de Alimentar Serpentes” – Marina Colasanti

**08/06 - 14h** – Cine Debate na aula de História e Atualidades com a educadora Beatriz – Convidadas: Coletivo Mulheres do Vento. Exibição dos filmes: Mulher de Favela, O caso de Dircéia, Paná panã e Lua - **13h** – 6ª Roda de Conversa Universitárias Faveladas: quais caminhos levam a universidade para a favela e a favela para a universidade?, no Museu da Vida.

**09/06 - 8h** – PROVA DA UERJ para os educandos

**09/06 - 9h** – Assembleia do CPV

**22/06 - 17h** – Sarau dos Crias

**23/06 - 9h30** – Domingo é dia de cinema – Filme: Relatos do Front

## **JULHO**

**07/07 - 7h** – Aula Campo em Petrópolis

**13/07 - 9h** – Assembleia do CPV

**13/07 - 18h** – Arraiá do Museu da Maré

**21/07 - 9h** – 2ª Reunião do Fórum de Pré-vestibulares Populares do Rio de Janeiro, no

Pré-vestibular Estudando para Vencer, na Penha.

### **CPV de Portas Abertas**

**22/07 – 19h** – Cine Debate com o diretor e convidados – Filme: “Relatos do Front”  
**23/07 – 19h** – Roda de Conversa sobre Produções de subjetividades com as mídias digitais  
**24/07 – 19h** – Cine Debate com Biologia – Filme: “O veneno está na mesa”  
**25/07 – 19h** – Oficina de Jogos Teatrais com Matheus Frazão  
**26/07 – 19h** – CPV vai ao Teatro – Peça “A invenção do Nordeste”, no Teatro Carlos Gomes  
**27/07 – 10h** – Mutirão de Organização da Biblioteca do CEASM  
**28/07 – 19h** – Oficina com Teatro do Oprimido

### **AGOSTO**

**06/08 – 19h** – Abertura do Concurso de Escrita e Imagem  
**10/08 – 9h** – II Seminário de Formação do CEASM  
**17/08 – 14h** – 7º Encontro dos Universitários e Faveladxs, no Espaço Casa Viva  
**17/08 – 17h** – Sarau de 22 anos do CEASM  
**22/08 – 19h** – Laboratório de Ciências – A origem da vida  
**24/08 – 10h** – 3ª Reunião do Fórum de Pré-vestibulares Populares do Rio de Janeiro  
**24/08 – 14h** – Visita ao Museu da Vida - **19h** – CPV vai ao teatro – Peça “Game Over ou Não Tá Fácil Pra Ninguém”  
**25/08 – 9h** – Assembleia do CPV  
**25/08 – 9h** – Domingo é dia de cinema – Filme: Espero tua (re)volta

### **SETEMBRO**

**04/09 – 19h** – Aulão sobre Intolerância Religiosa  
**11/09 – 9h** – Oficina de Auriculoterapia com Elisângela Alves  
**11/09 – 19h** – Aulão sobre o Livro da UERJ  
**14/09 – 9h** – Assembleia do CPV - **9h** – Reunião do Colegiado  
**14h** – Cine Debate “Remoção”, no Museu da Maré  
**15/09 – 2º Exame de Qualificação da UERJ - 9h** Domingo é dia de cinema – Filme: Bacurau  
**16/09 – 19h** – Aula Pública sobre a Reforma da Providência  
**21/09 – 9h** – Feira Universitária  
**24/09 – 19h** – Final do Concurso de Escrita e Imagem  
**28/09 – 9h** – 4ª Reunião do Fórum de Pré-vestibulares Populares do Rio de Janeiro - **17h** Sarau do CPV

### **OUTUBRO**

**01/10 – 19h** – Aula Pública sobre Racismo  
**07/10 a 11/10** – Semana África  
**12/10 – 17h** – Sarau África  
**14/10 – 19h** – CPV vai ao teatro – Peça “Contos Negreiros do Brasil”  
**17/10 – 19h** – Aulão LGBTQI+  
**19/10 – 9h** – Reunião do Colegiado  
**20/10 – 9h** – Assembleia do CPV  
**26/10 – 9h** – 5ª Reunião do Fórum de Pré-vestibulares Populares do Rio de Janeiro  
**27/10 – 9h** – Domingo é dia de cinema – Filme: Nunca me Sonharam  
**28/10 – 19h** – Aulão sobre guerra às drogas, racismo e outras drogas  
**30/10 – 19h** – Simulado de Redação

## **NOVEMBRO**

**03/11** – Prova do ENEM

**09/11 – 9h** – Reunião do Colegiado - **9h** – 6ª Reunião do Fórum de Pré-vestibulares Populares do Rio de Janeiro

**10/11** – Prova do ENEM

**15/11 a 17/11** – Aula Campo de Ouro Preto

**21/11 – 19h** – CPV vai ao Teatro – Peça “Cavalos” de Nina da Costa Reis, no Museu da Maré

**24/11 – 9h** – Domingo é dia de cinema – Filme: Estou me guardando para quando o carnaval chegar

## **DEZEMBRO**

**01/12** – Prova Discursiva da UERJ

**01/12 – 9h** – Assembleia do CPV, seguida de Confraternização

**07/12 – 9h** – III Seminário de Educação Popular dos Pré-vestibulares Comunitários do Rio de Janeiro

**19h** – Sarau LGBTQI+

**14/12** – III Seminário de Formação do CEASM e Confraternização

Dentro do calendário do curso pré-vestibular e da agenda institucional, há atividades que são elaboradas pelos coordenadores do projeto e pela direção do CEASM na intenção de promover encontros com alcance dos objetivos que a instituição possui.

Os aulões interdisciplinares fazem parte do processo do conhecimento que vai além das paredes da sala de aula. São atividades realizadas com temas presentes em nossa vida cotidiana, tais como: aulas de campo, visitas a espaço de arte e cultura, aulão do Dia Internacional da Mulher, aulão da Ditadura, aulão de Racismo, aulão LGBTQI+, aulão sobre Intolerância Religiosa, idas a teatros e museus, saraus e outras atividades.

A proposta desse ensino progressista presente na grade do CPV promove inclusão, consciência de raça, gênero e classe social, e abraça a mudança a partir de uma perspectiva multicultural, que segundo bell hooks ainda não é tão praticada em contextos educacionais:

“Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão”.

(HOOKS,2017 p. 51)



Segundo a autora, a sala de aula segue sendo um modelo tradicional de ensino, raros as exceções de espaços educacionais que fazem da sala de aula um contexto democrático para uma educação transformadora. Abraçar a mudança num mundo multicultural (hooks,2017,p.56) requer disposição para abordar o ensino a partir de um ponto de vista que rompa as correntes do colonialismo.

Visto que a norma da educação tradicional: o controle, a formalidade e o silêncio em sala de aula ainda é uma carga histórica da educação, muitos alunos que chegam ao pré-vestibular carregam essa visão a partir da experiência da educação tradicional enraizada pela ótica dos colonizadores. O que o CPV do CEASM propõe em seu currículo entra em contraponto do sistema da “educação bancária” que considera seus alunos consumidores passivos (FREIRE, 1987), mas as práticas educacionais do CPV são a consonância das propostas de educação popular que se baseiam na desconstrução desses conhecimentos historicamente tradicionais.

As interdisciplinaridades do curso pré-vestibular não elimina as disciplinas do currículo tradicional, no entanto a interdisciplinaridade entra fazendo parte desse currículo no sentido de garantir que se cumpra os objetivos presentes na carta de princípios do projeto, e ainda promova que o aprendizado aconteça por meio de inter-relação numa educação para a consciência crítica. Essa inter-relação das áreas do conhecimento e da interdisciplinaridade possibilita ao educando a experiência de vivenciar processos educativos que são reais e significativos baseados nas diversas circunstâncias da vida. Como diz hooks quando menciona uma experiência pessoal, “Uma vez que minha formação básica tinha se realizado em escolas segregadas por raça, falei sobre a experiência de aprender quando as nossas próprias experiências são consideradas centrais e significativas” (HOOKS, 2017,p.53). Podemos sentir nas palavras de bell a referência de Paulo Freire na obra Pedagogia do Oprimido, quando ele fala sobre se sentir sujeito e não objeto:

Assim também é necessário que os oprimidos, que não se engajam na luta sem estar convencidos e, se não se engajam, retiram as condições para ela, cheguem, como sujeitos, e não como objetos, a este convencimento. É preciso que também se insiram criticamente na situação em que se encontram e de que se acham marcados.  
(FREIRE, 1987, p. 30)

Assim, a interdisciplinaridade acompanha a diversidade do conhecimento através de outras ferramentas, como a cultura, a arte, a história territorial e outras atividades propostas no CPV. Essas mediações sustentam a motivação dos alunos de estarem presentes na sala de aula, pois são conteúdos que criam um elo de entendimento, conteúdos que são menos rígidos e permitem a autonomia de participações dos estudantes na produção de novos conhecimentos, novos conhecimentos que segundo hooks são usados para exercitar o poder de participação, de usar a voz para exercer a liberdade: “Idealmente, o que todos nós compartilhamos é o desejo de aprender - de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo.” (HOOKS, 2017, p.58), assim, as dinâmicas desenvolvidas no CPV propõem uma pedagogia engajada e a construção de uma comunidade de aprendizado.

Ainda sobre a participação que é possibilitado aos educandos em todo contexto educacional do CPV, podemos considerar que esse poder de participação capacita para o exercício de linguagem, de dar voz a uma fala que protagoniza os alunos na sua própria formação “Ouvir um ao outro (o som de várias vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala.” (HOOKS, 2017, p.58). Assim, ser o autor da fala é uma prática da oralidade, de compartilhar saberes promovendo inclusão em um espaço de formação humana.

Partindo do ponto que nenhuma educação é politicamente neutra, bell propõe que os professores examinem criticamente suas práticas em sala de aula e tenham disposição para “abordar o ensino a partir de um ponto de vista que inclua uma consciência da raça, do sexo e da classe social” (hooks, 2017 p.55). A proposta de hooks não é de atribuir só aos professores a mudança, mas de criar espaços de acolhimento com formação desses professores para a nova mudança, no sentido de que os professores tenham a oportunidade de expressar seus temores e aprender estratégias para abordar a sala de aula multicultural.

As ações e a assembleia do CPV apontam a construção dessa formação que é organizada no coletivo em busca de garantir que se cumpra o objetivo do projeto de “Realizar um trabalho de formação política, desenvolvendo atividades que contribuam para compreensão histórico-crítica da sociedade, das relações étnicas,

das contradições e conflitos da realidade social” (CPV CEASM, 2019, p. 2), assim, nas assembleias do CPV os educadores juntos aos educandos participam ativamente dessa construção formativa do projeto, o que fortalece o engajamento coletivo das ações desenvolvidas no pré-vestibular.

Quando bell fala em seu livro sobre revolução de valores, (bell, 2017) de examinar o papel tradicional da educação no sentido de que ela mantém a supremacia branca, o sexismo e o racismo, ela critica instituições que reforçam o colonialismo, contudo, como esperar é verbo e ação que tem efeito no coletivo, Paulo Freire “Pedagogia da Esperança (1992)”, na educação com prática de liberdade há sempre esperança e possibilidades de criar uma comunidade que reaja a esses sistemas de opressão.

“Até que enfim havia a possibilidade de uma comunidade de aprendizado, um lugar onde as diferenças fossem reconhecidas, onde todos finalmente compreenderiam, aceitariam e afirmariam que nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história e pelas relações de poder. Por fim iríamos nos livrar da negação coletiva da academia e reconhecer que a educação que quase todos nós havíamos recebido e estávamos transmitido não era e nunca é politicamente neutra. Estava de cara que a mudança não seria imediata, mas havia uma tremenda esperança de que o processo que havíamos desencadeado levasse à realização do sonho da educação como prática de liberdade.”  
(hooks, 2017 p. 46).

É provável que quem chegue como estudante no pré-vestibular comunitário do CEASM e tenha seu contato com as práticas pedagógicas do CPV se depara com uma leitura de mundo que já possui, mas é preciso também receber incentivos para nomear tais leituras. Se sentir seguro para nomear as individualidades, a espiritualidade, a cor da pele, a identidade sexual, o preconceito, os sonhos e desejos.

A falta de disposição de abordar o ensino a partir de um ponto de vista que incluía uma consciência da raça, do sexo e da classe social tem suas raízes, muitas vezes, no medo de que a sala de aula se torne incontrolável, que as emoções e paixões não sejam mais represadas. Em certa medida, todos nós sabemos que, quando tratamos em sala de aula de temas acerca dos quais os alunos têm sentimentos apaixonados, sempre existe a possibilidade de confrontação, expressão vigorosa das ideias e até de conflito.  
(HOOKS, 2017, p. 55)

Por mais que a sala de aula com práticas libertárias seja mais propensa a conflitos, é dessa forma que a educação libertadora no CPV acontece. Ela busca

trabalhar a realidade dos educandos para que se tornem sujeitos ativos nas construções críticas individuais e coletivas.

5. Na crença de que a educação, como prática de formação e emancipação humana, tem um papel importante na superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e, de forma geral, das desigualdades sociais.  
(CPV CEASM, 2019, p.1)

É pautada na pedagogia de Freire:

“O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.”  
(FREIRE, 1987, p.69).

Apesar dos educandos chegarem ao pré-vestibular do CEASM com uma carga educacional tradicionalmente enraizada nos sistemas de opressão, os educadores compreendem que o público que frequenta o curso do CPV possuem questões de formação, assim, o currículo interdisciplinar do curso é importante nessa mediação para que seus educandos possam compreender os processos de aprendizagem que virão. A arte e a cultura são ferramentas auxiliares na compreensão de si mesmos, e nesse entendimento, o aprendizado não vem do nada, mas são acionados pela motivação, pelo impacto e pela autoestima que vem sendo descoberta a partir da participação nas práticas educacionais críticas no CPV.

No entanto, é necessário que reconheçamos que a desconstrução de um conhecimento historicamente tradicional é um processo que requer esforço para aceitar o diferente. As práticas pedagógicas interdisciplinares do CPV são simples, porém, nem sempre o mais simples é o mais fácil se tratando da compreensão para novos saberes. Nessa perspectiva, a educação libertária possibilita aprendizagens e "desaprendizagens" de experimentação no saber livre e criativo. Ainda que esse processo seja demorado, a educação para liberdade acontece, pois os educadores engajados sabem que as pessoas tendem a aprender até nas piores circunstâncias (HOOKS, p. 213, 2017).

Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos. Antes de tentarmos envolve-los numa discussão de ideias dialética e recíproca, temos de ensinar-lhes o processo. Dou aula a muitos alunos brancos e eles têm posições políticas diversas. Mas eles chegam à aula de literatura femininas afroamericana e não querem

ouvir discussões sobre políticas de raça, classe e gênero. Frequentemente reclamam: “Eu pensei que este curso era de literatura.” O que estão me dizendo, na verdade, é: “Achei que este curso seria dado como qualquer outro curso de literatura que eu já fiz, apenas substituindo os escritores brancos do sexo masculino por escritoras negras do sexo feminino.” Eles aceitam a mudança no foco de representação, mas resistem a mudar as maneiras como pensam sobre as ideias. Isso é ameaçador. É por isso que a crítica do multiculturalismo busca fechar de novo a sala de aula – deter essa revolução em como sabemos o que sabemos. É como se muita gente soubesse que o enfoque das diferenças tem o potencial de revolucionar a sala de aula e não quisesse que a revolução acontecesse. (HOOKS, p. 193, 2017)

Assim, as formações, os seminários e o diálogo do CPV são a base da pedagogia crítica que se pretende aplicar em sala de aula. Essas bases são o incentivo ao pensamento livre que se movimentam em trocas entre educador, conteúdos e educandos. Não há horizontalidade, pois o multiculturalismo presente no CPV conceitua a existência de múltiplas culturas no mesmo território, o que faz da sala de aula uma comunidade de aprendizado.

As aulas de campo proporcionadas pelo do CPV criam possibilidades de transitar em territórios da cidade e aprender sobre diversos aspectos que não são falados em espaços formais de educação. Além de contribuir para o pertencimento e direito à cidade, de ocupar espaços e territórios de cultura, como teatros, cinemas, museus, e conhecer a história das ruas do nosso estado, de como se construíram, quem construiu, e a quem interessa.

Os aulões sobre o dia internacional da mulher tem a perspectiva de causar um efeito de debate sobre violência doméstica, objetivação da mulher na mídia, lei Maria da Penha e feminismo negro. A partir desse contato com a teoria da luta feminista, podemos observar a importância desses aulões para o que (HOOKS, 2017, p.61) diz sobre pensar de maneira mais crítica nos auxilia a ver tudo sobre outra perspectiva.

“Quero dizer que escrevi *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism* quando era estudante de graduação (embora só tenha sido publicado muito depois). O livro era a manifestação concreta da minha luta com a questão de deixar de ser objeto e passar a ser sujeito - a própria questão que Paulo tinha proposto”  
(HOOKS, 2017, p. 75)

Desta forma, conhecer autoras mulheres contribui para o enriquecimento cultural histórico que protagonizou também as mulheres na luta por direitos civis de

igualdade, mas que pouco é reconhecido. Contar “A história que a história não conta”<sup>9</sup> se trata da abordagem da educação libertadora que é crítica. Ainda que no pré-vestibular do CEASM seja um espaço de educação popular embasada na proposta educacional de Paulo Freire, e que as escritas de Freire tenham sido criticadas por movimentos feministas, hooks faz uma releitura de Paulo que oferece aos educadores formas de elaborar suas práticas considerando os impactos das questões de raça e gênero na sociedade.

Profundamente comprometida com a pedagogia feminista, peguei fios das obras de Paulo e tecidos naquela versão de pedagogia feminista que acredito estar incorporada no meu trabalho de escritora e professora. Quero afirmar mais uma vez que foi a interseção do pensamento de Paulo com a pedagogia vivida dos muitos professores negros da minha meninice (mulheres em sua maioria) – que se viam cumprindo a missão libertadora de nos educar de maneira a nos preparar para resistir eficazmente ao racismo e à supremacia branca – que teve profundo impacto sobre o meu pensamento a respeito da arte e da prática de ensinar.  
(HOOKS, 2017, p. 74)

Cada educador possui sua prática pedagógica organizada intencionalmente para atender determinadas demandas e expectativas educacionais requeridas por uma comunidade social. Nesse sentido, tais práticas representam as características de negociações de um coletivo, da representação do espaço educacional do qual se faz parte. Práticas pedagógicas ocorrem no processo de estrutura que caminha pela escola, mas que também a antecede, pois possui intencionalidades, e na prática pedagógica a intencionalidade rege os processos.

A pedagogia crítica e libertária de Freire e a pedagogia crítica e feminista de hooks são paradigmas de base para que o educando encontre sua própria voz. Nos capítulos finais de “Ensinando a Transgredir a Educação como Prática de Liberdade”, bell hooks levanta o tema do corpo, do Eros e do erotismo em sala de aula. A autora fala sobre uma perspectiva que passa despercebido no nosso dia a dia dentro de sala, segundo hooks, existe uma negação de que o corpo e mente funcionam juntos (HOOKS 2017,p.253) essa negação do corpo presente cria uma ideia de que apenas a mente funciona no processo de ensino e aprendizagem.

Na escolarização, o corpo foi e muitas vezes ainda é controlado. É como se chamar atenção para o corpo fosse uma transgressão à concepção de ele também

---

<sup>9</sup> Letra do samba enredo: Histórias para Ninar Gente Grande G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (RJ) - Samba-Enredo 2019

faz parte da comunicação, da expressão e da transmissão de conhecimentos. A energia é de que Eros “é uma força que auxilia o nosso esforço geral de auto atualização (...) habilita tanto os professores quanto os alunos a usar essa energia na sala de aula de maneira a revigorar as discussões e exercitar a imaginação crítica” (HOOKS 2017,p.258), assim podemos considerar Eros e o erotismo - não limitado ao sentido sexual - a inteireza de relação entre professores e alunos na perspectiva da pedagogia libertária.

No evento do sarau cultural no pré-vestibular do CEASM busca-se construir uma relação de afeto entre educadores e educandos. Apesar de todo o espaço de educação informal do CPV ser um espaço onde o Eros e o erotismo são aceito, no Sarau o amor é declarado e, é consagrado a integração de mentes e corpos, onde a comunidade aceita o desejo de que é possível a paixão ter lugar na sala de aula, onde saúde e bem-estar fazem parte da cultura, onde é seguro ser livre e autêntico em sua cor, corpo e sexualidade. Assim, os temas dos saraus do CPV “abraçam a mudança” e tornam a sala de aula um ambiente com possibilidades de cruzar fronteiras de transgredir e de educar com prática de liberdade. No sarau, a aula é ao ar livre, com músicas, comidas, integração de diferentes estudantes e educadores que visam nas manifestações artísticas a potência dos diversos saberes, onde o conteúdo da aula é a fala, a leitura da poesia, a dança, a rima e a resistência para superar aspectos opressores enraizados na trajetória escolar.

Tomamos a compreensão de que o caminho para a promoção da liberdade no campo da educação se constitui numa perspectiva crítica. Tendo os temas dos Saraus do CPV, podemos entender que esse caminho tem sido possível de se constituir. Compreendemos que as ações de ensino no modelo tradicional mantém seu sistema de priorizar o conhecimento formal e rigoroso. Assim, práticas interdisciplinares presentes no CPV são importantes modelos para transformar a educação em um ato multicultural que se utiliza do fazer político e ético para a emancipação dos sujeitos educacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho monográfico trouxemos pensamentos críticos dos autores utilizados no sentido de emancipar os sujeitos envolvidos no campo da educação. Foi apresentada uma metodologia que estruturou as definições sobre educação popular, objetivos e benefícios da interdisciplinaridade para a educação num ato de práticas libertárias.

Fazer da educação um meio para alcançar a mudança da sociedade é uma prática de liberdade que tem por objetivo formar desde o ensino infantil até ao ensino superior. Para que o acesso ao ensino superior seja democrático, o ensino precisa ser de compromisso e mobilização para a formação humana, e esse acesso só será igualitário quando estiver diretamente ligada às classes populares.

Este trabalho não tem a intenção de naturalizar o vestibular ou de romantizar os sacrifícios que muitos estudantes fazem após horas de trabalho e no fim do dia ainda frequentar um pré-vestibular para garantir uma vaga em alguma universidade. A intenção é apontar o curso pré-vestibular comunitário como um acesso das classes populares às estruturas de cultura, arte e educação, possibilitando lazer, sentido, transgressão, liberdade e claro, a vaga na universidade.

Entendemos que o ensino na escola pública deveria ser mais acolhedor no sentido de dar aos estudantes participação em atividades que rompam com os sistemas de opressão. Os muros das escolas não existem de fato, mas ainda é mantida essa ideia que só contribui para desqualificar o ensino público que é oferecido às classes populares. Por isso, é preciso dialogar com outras possibilidades pedagógicas dentro de salas de aulas e explorar o sentido da educação.

Podemos pensar que um efeito no investimento do governo no ensino público, nos vínculos educacionais com a realidade e o engajamento dos educadores poderão ser os primeiros passos para uma educação crítica e libertadora.

O conhecimento gera poder, gera oralidade e gera a libertação para que os educandos saibam por si e coletivamente transgredir as fronteiras raciais, sexuais e de classe a fim de alcançar a liberdade. A educação com práticas de liberdade gera



mudanças e, essas mudanças mexem na estrutura política, que mantém o estereótipo ameaçador de que pensar criticamente vai mexer na estrutura educacional que ainda resiste em permanecer.

A educação ainda é mantida tradicionalmente por não ser crítica por quem ataca as ideias de Paulo Freire, pois sabe a potência e o ecos dos seus pensamentos que ecoam até hoje, pensamentos que se encontram com os de bell hooks criando um grito para a transformação da educação no sentido de deter métodos pedagógicos arcaicos, com suas raízes no comodismo padronizados no racismo, sexismo e no preconceito de classes.

A educação popular do curso pré-vestibular do CEASM cumpre com o papel de “esperança”, de acreditar na mudança, de gerar mudança e trazer bons resultados. Imaginemos tais práticas pedagógicas sendo usadas em ensino básico, de como seria alcançar prazer, sentido e liberdade nos primeiros anos de formação escolar. Começar a educação com prática de liberdade no ensino fundamental, por exemplo, seria de assumir o compromisso de que a criança vai seguindo, não sendo encaixada nas concepções de dominação da educação.

No âmbito organizacional, entendemos os desafios do CEASM enquanto lugar de pertencimento e experiências das relações de moradores com a instituição em se manter resistente, por outro lado, compreendemos os desafios do pré-vestibular comunitário de motivar os educadores e estudantes na interação das relações e no projeto político pedagógico do curso.

O CEASM é meu elo emocional com a Maré, foi nesse lugar que adquiri pertencimento, afeto e orgulho do meu lugar de morada. O CPV foi meu encontro com “a escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”, foi um espaço de desenvolvimento na minha formação humana, como estudante e me atribuindo grande influência para atuar como educadora. Carrego boas memórias desse espaço de formação, pelo novo olhar que enxergo na educação, e também gratidão pela contribuição em me proporcionar conhecimentos e pensamentos críticos.

Festejamos quando um favelado ingressa e ocupa a universidade pública. Nos sentimos seguros quando não somos os únicos nesses espaços universitários, têm mais dos nossos ocupando e chegando também. No entanto, é necessário que

a comemoração não seja somente pelo ingresso na universidade, mas na permanência nela e na conclusão.

Que continuemos seguindo pelos caminhos da liberdade, abrindo nossa mente e caminhos para ocupar mais espaços não antes ocupados pela classe popular. Que a realidade seja encarada de frente, que coletivamente possamos construir mais espaços educacionais que rompam com as fronteiras para transgredir e praticar com liberdade, transformando a educação em comunidades pedagógicas de aprendizado.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos). (trechos selecionados).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, FAGUNDES, Maurício Cesar. **Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freiriana para um sistema de educação.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul./set. 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010.**

COSTA, Reginaldo Scheuermann. **O Centro de Ações Solidárias na Maré (CEASM) e a Nova Pedagogia da Hegemonia: tensões entre a militância e o ethos empresarial.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2010. Disponível em: [https://ppge.educacao.ufrj.br/dissertacoes/dissertacao\\_de\\_mestrado\\_reginaldo\\_scheuermann\\_costa.pdf](https://ppge.educacao.ufrj.br/dissertacoes/dissertacao_de_mestrado_reginaldo_scheuermann_costa.pdf). Acessado em: 13/08/2022.

EVARISTO, Conceição, **“Escrevivência” Becos da memória,** Belo Horizonte, p.21. Mazza, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo.** 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOHN, M. da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** In: Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, maio-ago. 2011. pp.333-361.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** - 2. ed. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LOURENÇO, Luiz Augusto Ferreira. **Cartografias da decolonialidade: o ensino de Geografia no bairro Maré.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura e bacharelado em Geografia) - Instituto de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/2563>. Acessado em: 08/07/2022.

MORAIS, Adrielly Ribas. **Curso pré-vestibular popular do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré CEASM: desafios múltiplos na confluência de práticas curriculares.** Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2016. Disponível em: [https://c00d3090-6e98-41a9-9073-6694351c6b7e.usrfiles.com/ugd/c00d30\\_b421760bdc264696b0f54b0011654258.pdf](https://c00d3090-6e98-41a9-9073-6694351c6b7e.usrfiles.com/ugd/c00d30_b421760bdc264696b0f54b0011654258.pdf). Acessado em: 08/07/2022.

NÓVOA, Antônio. **Carta a um jovem investigador em Educação.** Conferência de abertura do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Vila Real, Portugal, 11 de setembro de 2014 / Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2015/06/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador.pdf>. Acessado em: 13/08/2022.

PITASSE, Mariana. **Museu da Maré resgata memória da favela há quase 12 anos, no Rio de Janeiro.** Jornal Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/01/25/museu-da-mare-resgata-memoria-da-favela-ha-quase-12-anos-no-rio-de-janeiro/>. Acessado em: 14/08/2022.

SANTOS, Angela Cristina da Silva. **Pensando estratégias para o enfrentamento da evasão em pré-vestibulares populares: um estudo de caso na Maré - Rio de Janeiro/RJ.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Tecnologia para Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [https://www.nides.ufrj.br/images/PPGTDS/Dissertacoes/2020\\_AngelaCristinaSantos.pdf](https://www.nides.ufrj.br/images/PPGTDS/Dissertacoes/2020_AngelaCristinaSantos.pdf). Acessado em: 08/07/2022.

SILVA, Claudia Rose Ribeiro da. **Maré a invenção de um bairro.** Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2122>.

## ANEXO – Carta de Princípios do CPV CEASM



# CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ CARTA DE PRINCÍPIOS DO CURSO PRÉ-VESTIBULAR

*3ª versão (atualizada em 02.02.2019)*

### APRESENTAÇÃO

Esta CARTA DE PRINCÍPIOS tem por finalidade sistematizar as várias decisões tomadas pelo Coletivo do Pré-Vestibular Comunitário do CEASM nas reuniões de seus colaboradores. Visa, principalmente, estabelecer os princípios e os objetivos a partir dos quais e pelos quais o CPV CEASM está organizado.

Por PRINCÍPIOS entendemos idéias, formulações, conceitos, convicções, opções políticas e regras que devem presidir o trabalho e as práticas do CPV CEASM. Trata-se, então, da nossa visão de mundo, nossas concepções gerais sobre o ser humano, sobre a sociedade e sobre a educação. São as diretrizes fundamentais para o projeto político-pedagógico do CPV CEASM.

### O PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO DO CEASM

Voltado para ampliação das possibilidades educacionais e culturais dos moradores da Maré, o Curso Pré-Vestibular Comunitário do CEASM tem como objetivo o acesso ao ensino superior em condições de igualdade e como um direito fundamental. Partindo dos conteúdos necessários aos exames vestibulares, sua prática é integrada a uma formação política e emancipatória e propõe como contribuição a formação de novos atores políticos na intervenção das mudanças necessárias no alcance de uma sociedade mais justa e igualitária.

### HISTÓRICO DO CEASM / PRÉ-VESTIBULAR

O **Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)** foi criado em 1997 por um grupo de moradores que tinha uma trajetória de militância em movimentos sociais dentro das favelas e que conseguiu atingir uma formação universitária.

O **CEASM** atua na favela da Maré, desenvolvendo ações que visam superar as condições de pobreza e exclusão existentes neste espaço.

### PRINCÍPIOS DO PRÉ-VESTIBULAR DO CEASM

O CPV DO CEASM fundamenta-se nos seguintes princípios:

1. No conceito de Democracia como forma de relacionamento social que incorpore igualdade de oportunidades, garantia de vida digna (trabalho com salário justo, cuidados com a saúde, educação, previdência, moradia, terra, acesso à produção cultural), participação popular nas deliberações políticas, liberdade de expressão e respeito às diferenças e diversidades étnico-culturais.

2. No conceito Ação Afirmativa como ação coletiva de afirmação de identidade e luta por relações econômicas, políticas, sociais e culturais democráticas. Trata-se de uma concepção de Ação Afirmativa que vai além da instituição de políticas públicas direcionadas a um determinado grupo social.

3. No conceito de Educação como processo de formação de competência técnica e competência política, no sentido da autonomia e da emancipação humana, considerando que a política pedagógica adotada no projeto está pautada na Educação Popular.

4. Na idéia de que o acesso de todos a uma educação de qualidade é a principal forma de socialização do conhecimento e indispensável à construção de uma sociedade democrática, sendo, portanto, um dos canais de inclusão social, de formação de cidadania e de alargamento de oportunidades para a população pobre e discriminada.

5. Na crença de que a educação, como prática de formação e emancipação humana, tem um papel importante na superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e, de forma geral, das desigualdades sociais.

6. Na possibilidade de construção de um projeto de educação fundamentado na igualdade, na solidariedade e no respeito aos seres humanos, que deve necessariamente colocar no centro das suas preocupações os sujeitos não dominantes (por etnia, por gênero, por classe social) e valorizar a produção histórica e cultural afro-brasileira, não perdendo de vista a diversidade plural da sociedade como um todo.

7. Na convicção de que a democratização da educação somente pode se concretizar na esfera pública, ou seja, através de um Sistema Público de Educação que possa garantir o acesso de todos

ao conhecimento. Assim, a universidade e a escola públicas, gratuitas e de qualidade, são a opção política de educação do CPV CEASM.

## **OBJETIVOS CPVCEASM**

1. O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré (CPV), desenvolvido pelo CEASM desde 1997, tendo como objetivo minimizar a desigualdade que ainda caracteriza o ensino público superior no país, calcado num processo injusto e elitista, que tem impossibilitado o acesso às universidades públicas dos moradores de favela, oriundos da rede pública de ensino e pertencentes às camadas mais pobres da população. Com esta iniciativa, mais do que oferecer condições para que estes possam participar dos exames vestibulares com chances reais de aprovação (de acordo com os conteúdos programáticos dos principais exames vestibulares), o CEASM pretende formar cidadãos que participem do processo de transformação dessa realidade, no sentido da construção de uma sociedade mais humana, mais justa e mais igualitária.

2. Criar condições para que os estudantes discriminados, por etnia, gênero ou situação sócio econômica concorram nos vestibulares das Universidades Públicas, em condições concretas de aprovação e inclusão no ensino superior.

3. Realizar um trabalho de formação política, desenvolvendo atividades que contribuam para compreensão histórico-crítica da sociedade, das relações étnicas, das contradições e conflitos da realidade social.

4. Servir de espaço público de elaboração de propostas e discussão política sobre justiça, democracia e educação.

5. Lutar contra o qualquer tipo de discriminação, na sociedade e na educação. 6. Lutar pela

democratização da educação, através da defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, que seja também pluriétnica e multicultural.

## **ASSEMBLÉIA GERAL**

1. A Assembleia Geral é o órgão máximo e soberano de decisão do CPV CEASM. 2. A Assembleia Geral tem como função discutir e deliberar sobre Princípios, Objetivos, Regras e Propostas Globais.

3. As reuniões gerais serão mensais, envolvendo toda a equipe e representantes de turmas em datas pré-definidas a partir do calendário montado pela coordenação.

4. No sentido de legitimar e dar sentido à produção de uma educação popular e crítica, contemplando os envolvidos no processo, foi estabelecido que possuem direito ao voto:

4.1 Quem concorda com esta Carta de Princípios.

4.2 Educadores, educandos e colaboradores do CPV CEASM.

5. Bimestralmente, serão realizadas nas assembleias, avaliações para o coletivo, no que diz respeito à participação, às práticas pedagógicas e aos objetivos do CPV CEASM.

6. Esta avaliação será elaborada coletivamente, constantemente, em busca por aperfeiçoamento das práticas pedagógicas de cada educador(a), nunca de caráter punitivo.

7. Será realizado pela coordenação, o levantamento necessário para a avaliação de permanência de vínculo no projeto CPV CEASM, onde os dados de ausências ou conflitos da equipe serão transmitidos aos membros para análise na reunião de avaliação dos professores. Todavia, para esta ou qualquer avaliação sobre permanência de vínculo no projeto, será exigido da assembleia um quórum mínimo de 50% da equipe para votação.

7.a) Caso não haja o quórum mínimo, a votação acontecerá na próxima reunião, independente do quórum. Considerando que a única hipótese da assembleia aceitar a ausência do(a) educador(a) avaliado(a) será mediante a justificativa apresentada.

7.b) O(A) educador(a) pode apresentar, com antecedência, uma justificativa para a sua ausência na reunião onde seria avaliado(a), sendo que a avaliação acontecerá na próxima reunião independente da presença do(a) educador(a) avaliado(a).

8. A decisão de retirar algum membro do grupo nunca deve ser uma decisão arbitrária da coordenação. Ao contrário, ela deve ser sempre respaldada pelo processo de avaliação e pela decisão coletiva da equipe.

9. Para a permanência do(a) educador(a) no projeto CPV CEASM, o mesmo deverá cumprir o mínimo de 75% de presença em sala de aula, no bimestre, sendo necessário justificar as faltas. Exemplo: a cada dois meses, sendo 8 dias de aula, o membro não poderá faltar mais que 2 dias, sendo que necessária a justificativa da falta.

10. Para a permanência dos membros da equipe CPV CEASM, o mesmo deverá estar presente em, no mínimo, 50% das reuniões gerais.

Exemplo: a cada dois meses, sendo duas assembleias, o membro não poderá faltar mais que uma reunião.

11. O coletivo optou por não estabelecer um percentual de presença para as aulas de campo.

12. A pré-pauta da assembleia deve ser enviada com 01 semana de antecedência para o e-mail do grupo de colaboradores e afixado no mural de avisos do CPV.

## **CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE EDUCANDO(A)S**

01. Os critérios de seleção do(a)s educando(a)s estão estabelecidos no edital de seleção do CPV CEASM.

## **PERFIL DE EDUCADORE(A)S**

É importante e desejável que o(a)s educadores(a)s com atuação em sala de aula possuam as seguintes características:

1. Tenha consciência que o serviço prestado é prioritariamente de caráter voluntário.
2. Tenha consciência e esteja de acordo com esta CARTA DE PRINCÍPIOS.
3. Tenha consciência que o CPV CEASM se insere na dinâmica da Educação Popular, que é uma metodologia educacional voltada para as conquistas dos direitos sociais, culturais e políticos da população. Uma prática pedagógica problematizadora e geradora de possibilidades de transformação social.
4. Que esteja de acordo com as práticas inerentes à produção de uma educação popular<sup>1</sup> e seus métodos e seja consciente das limitações dos educandos.
5. Mostre-se consciente do alcance político, social e educativo do CPV CEASM.
6. Elimine qualquer preconceito racial, de gênero, político, ideológico e religioso, comprometendo-se a respeitar e tratar a todos de forma igual.
7. Disponha-se a praticar e incentivar os educandos à prática da SOLIDARIEDADE ATIVA.
8. Possua conhecimento das disciplinas que se disponha a ministrar, mesmo não sendo academicamente formado ou da área de formação.
9. Busque desenvolver a consciência crítica dos educandos frente à realidade social, política e econômica.
10. Tenha consciência do caráter emancipatório do projeto, de questionamento ao sistema.

Coletivo do Pré-Vestibular Comunitário do CEASM

**Rio de Janeiro, 02 fevereiro de 2019.**

---

<sup>1</sup>“A tarefa da Educação Popular é de criar condições entre os “dominados” para a contestação e rejeição da estrutura social dividida entre os que pensam, decidem e controlam e os que executam as tarefas decididas por outros em função de seus interesses, para que aqueles que tradicionalmente executam tarefas passem a pensar e a decidir a respeito de tudo o que lhes disser respeito (PAIVA, 1984. P.250)”

- Carta Criada em 5 de fevereiro de 2014.
- A primeira atualização foi realizada em 25 de fevereiro de 2015, no Seminário Pedagógico.
- A segunda atualização foi realizada em 02 de fevereiro de 2019 no Seminário Pedagógico